



“QUEM O APREHENDER SERÁ GRATIFICADO”: UMA ANÁLISE DAS FUGAS DE ESCRAVOS NO PHAROL E O LEOPOLDINENSE

Gisele do Nascimento¹

RESUMO: Cansados dos castigos que lhes eram proferidos e a forma de vida degradante, os escravos fugiam na esperança de encontrar algum lugar longe do cativo, onde pudessem ter uma chance de recomeço. Fugiam sozinhos ou acompanhados por outro companheiro de cativo. A família impedia ou dificultava em parte as fugas, sendo os homens a maioria dos fujões, pois as mulheres se detinham aos laços familiares, principalmente aquelas que tinham filhos. Os escravos fugidos precisavam forjar meios de sobrevivência, buscando caminhos mais propícios à sua nova realidade. Por esta razão, é comum observar nos anúncios de fugas a descrição de objetos e roupas que os escravos levavam consigo ao fugir, isto lhes permitia que se passasse por forros, misturando-se à população livre. Por mais mecanismos de controle que existiam, os escravos encontravam maneiras de se reafirmarem de alguma forma e recobrar o domínio sobre suas vidas, criando situações que lhes permitissem preservar sua identidade social. Uma das formas que seus senhores encontraram para a captura dos fujões era a publicação de anúncios nos jornais, muito comuns no século XIX. Dessa maneira, tomamos como objeto de pesquisa dois importantes periódicos da Zona da Mata mineira oitocentista, denominados *Pharol*, impresso na freguesia de Juiz de Fora e *O Leopoldinense*, da freguesia de Leopoldina. Utilizaremos do recorte temporal no período de 1876 a 1888, analisando todas as fugas de escravos publicadas nestes periódicos. Objetiva-se neste estudo, analisar as características desses escravos bem como traçar parte do perfil dos mesmos e as estratégias utilizadas na busca pela liberdade, alcançada em parte pelas fugas. Acreditamos que este estudo poderá alargar a compreensão de parte do cotidiano escravo nestas freguesias, levando em consideração o fato de ambas possuírem a maior concentração de escravos na Mata mineira no século XIX.

Palavras-chave: Escravos. Fugas. Leopoldinense. Pharol.

ABSTRACT : Tired of the punishments they were given and the degrading way of life, the slaves fled in the hope of finding some place far from captivity where they might have a chance of a fresh start. They fled alone or accompanied by another fellow captive. The family prevented or hindered part of the escape, and the men were the majority of the fugitives, since the women were attached to family ties, especially those who had children. Escaped slaves needed to forge means of survival, seeking ways more conducive to their new reality. For this reason, it is common to observe in the advertisements of escapes the description of objects and clothes that the slaves took with them when they fled, this allowed them to pass through linings, mingling with the free population. Through more control mechanisms that existed, slaves found ways to reassert themselves in some way and regain control over their lives, creating situations that allowed them to preserve their social identity. One of the ways that their masters found for the recapture of the fugitives was the publication of announcements in the newspapers, very common in Century XIX. In this way, we take as an object of research two important periodicals from Zona da Mata Mineira, named *Pharol*, printed in the parish of Juiz de Fora and *O Leopoldinense*, in the parish of Leopoldina. We will use the temporal clipping in the period from 1876 to 1888, analyzing all the escapes of

¹ Mestranda em História pelo PPGH Universo-Niterói. Orientadora: Prof.ª Dr.ª Vitória Fernanda Schettini de Andrade. Bolsista CAPES. E-mail: giselenascimento1985@gmail.com.



slaves published in these periodicals. The objective of this study is to analyze the characteristics of these slaves as well as to trace part of their profile and the strategies used in the quest for freedom, achieved in part by the leaks. We believe that this study could broaden the understanding of part of the daily slave in these parishes, taking into account the fact that both had the largest concentration of slaves in the Minas Gerais forest in the 19th century.

Key-words: Slaves. Escapes. Leopoldinense. Pharol.

Há algumas décadas, os anúncios de jornal têm sido tomados como objeto de análise, principalmente quando se pretende apreender parte do cotidiano de determinada época. Gilberto Freyre (1979), em um estudo a respeito desses anúncios de fugas de escravos no século XIX, busca delinear suas características físicas, bem como seus costumes. Para o autor, é possível se compreender a sociedade escravocrata oitocentista pela franqueza com que se descreviam os negros fugidos nos anúncios. Para Freyre (1979, p.63),

A linguagem dos anúncios de negros fugidos, esta é franca, exata e às vezes crua. Linguagem de fotografia de gabinete policial de identificação: minuciosa e até brutas nas minúcias. Sem retoques nem panos mornos. [...] Explica-se o forte elemento de honestidade que caracteriza esses anúncios: quem tinha seu escravo fugido e queria encontrá-lo precisava dar traços e sinais exatos. [...] Fosse o anunciante embelezar a figura do fujão que era capaz de ficar sem ele para toda a vida.

É dessa forma que observamos nos anúncios dos jornais *Pharol* e *O leopoldinense*, as fontes documentais utilizadas neste estudo. Percebemos que através das descrições feitas pelos senhores, pela riqueza dos detalhes, é possível traçar parte do perfil ou mesmo parte do cotidiano dos escravos nas Minas oitocentistas. Sobre essas pistas e sinais que encontramos nos documentos, Sidney Chalhoub (1990) diz que são “detalhes que funcionam como chaves para uma rede de significados por vezes inacessíveis a outros métodos” (CHALHOUB, 1990, p.20). E para Manolo Florentino e José Roberto Góes (1997), “o passado nem sempre deixa



marcas muito claras, mesmo se atentamente observado” (FLORENTINO, GÓES, 1997, p.178), o que nos deixa clara a importância de filtrar todos os rastros que os jornais nos proporcionam.

A importância em se trabalhar com as fontes primárias como o jornal se dá pelas inúmeras possibilidades em se encontrar elementos e indícios que permitem conhecer, temporalmente, a sociedade onde se vive. Para Rodrigo Fialho Silva (2015), “além de ser também um “lugar de memória”, a imprensa foi o meio de informação mais eficaz na sociedade brasileira, quando de sua implementação e difusão nas primeiras décadas do século XIX” (SILVA, 2015, p.27).

Dessa maneira tomamos como objeto de pesquisa dois importantes periódicos da Zona da Mata mineira oitocentista, um deles denominado *Pharol*, impresso na freguesia de Juiz de Fora e o outro denominado *O Leopoldinense*, da freguesia de Leopoldina. Utilizaremos do recorte temporal no período de 1876 a 1888, analisando todas as fugas de escravos publicadas nestes periódicos, no intuito de coletar essas pistas descritas nos anúncios.

1 ESCRAVIDÃO EM NÚMEROS

O grande abalo provocado na década de 1850 pela proibição do tráfico de escravos, não trouxe fim ao comércio do mesmo no país, tampouco em Minas Gerais. O tráfico constituía-se como a “variável fundamental para a reprodução física da mão de obra cativa” (FREIRE, 2014, p.102), sendo a região sudeste a que mais recebeu escravos, chegando a 21% do total das importações, onde maioria eram provenientes de Angola e da Costa da Mina.

As décadas de 1870 e 1880 configuram o auge do tráfico interprovincial, que segundo Sidney Chalhoub, ao se valer do pressuposto de Robert Slenes, despejou no sudeste cerca de 10 mil escravos por ano (CHALHOUB, 1990, p.43). O cultivo do café em larga escala, demandava de maior quantidade de mão de obra e este, possibilitou um rearranjo populacional na província de Minas Gerais. De acordo com Jonis Freire, “a Zona da Mata foi responsável por 60% do total das importações mineiras entre os anos de 1870 e 1930” (FREIRE, 2014, p.45). O café foi o principal



produto e fundamental para a ampliação da economia na Mata mineira no século XIX, como resultado da expansão das fronteiras com o Vale do Paraíba, reproduzindo as técnicas ali utilizadas, a forma de plantio e o uso da mão de obra escrava.

Não foi diferente nas freguesias de Juiz de Fora e Leopoldina, como traz José Luiz Machado Rodrigues (2003, p.21-22),

Fato é que a área constituída pelos municípios de Leopoldina, Mar de Espanha, Juiz de Fora, Ubá e Rio Pomba, teve uma ocupação acelerada a partir de 1835, registrando um saldo migratório positivo significativo e permanecendo como grande exportadora de café até a década de 1880. [...] O café aqui encontrou clima propício, terra fértil e mão de obra necessária.

Maria do Carmo Salazar Martins, ao se valer do Censo de 1873 aponta que Leopoldina era uma das freguesias onde se possuía maior número de escravos comparado ao de pessoas livres (2002). Jonis Freire também utilizando do Censo, observou que esta freguesia contava com 15.253 cativos (FREIRE, 2014, p.49). A freguesia de Juiz de Fora representava o segundo maior contingente escravo da Zona da Mata, que em 1873 contava com 14.368 cativos. Segundo Marcia Amantino (2012, p.14), na província de Minas Gerais,

[...] no ano de 1873, essa população tinha passado para 382 mil cativos. Tal contingente representava um quarto da população escrava no Brasil. Além disso, a província tinha uma característica econômica bastante heterogênea, apresentando áreas destinadas claramente ao abastecimento interno e outras direcionadas ao mercado externo.

Um homem que possuía muitas terras e escravos era tido como rico naquela época e o cativo, nada mais era, que um instrumento de produção que deveria render altos ganhos ao seu senhor, sendo violentamente castigado caso infringisse as ordens impostas por eles. Estes impunham diversos mecanismos de controle aos seus escravos, como os castigos físicos, o trabalho exaustivo e péssimas condições de vida, fatores estes que iriam culminar nas fugas de muitos deles.

1.1 As fugas



Cansados dos castigos que lhe eram proferidos e a forma de vida degradante, muitos escravos fugiam na esperança de encontrar algum lugar longe dali, onde pudessem ter uma chance de recomeço. Para Marcia Amantino (2006), “as fugas ocorriam, evidentemente, por uma negação ao seu cativo. Entretanto, havia mais do que isto. O escravo fugia porque percebia que não lhe restava alternativas dentro do sistema.” (AMANTINO, 2006, p.64)

O escravo vivia em um ambiente inóspito, onde muitas vezes não tinha condições decentes de vida sendo constantemente submetido aos castigos. Muitos deles, no entanto, não se acomodaram diante deste quadro e resistiram de diferentes maneiras. Buscavam dessa forma, obter ganhos pessoais, mesmo que pequenos significando a obtenção de alguma autonomia no sistema escravista, que de acordo com Sidney Chalhoub (1990, p.252),

Os cativos agiram de acordo com lógicas ou racionalidades próprias, e seus movimentos estiveram sempre firmemente vinculados a experiências e tradições históricas particulares e originais. E isto ocorria mesmo quando escolhiam buscar a liberdade dentro do campo de possibilidades existente na própria instituição da escravidão- e lutavam então para alargar, quiçá transformar. Este campo de possibilidades.

A fuga então poderia ser uma forma de negociação por um cativo mais justo, por obtenção de recursos ou benesses, como um pedaço de terra para plantar, folgas semanais ou mesmo o direito de constituir família. Esses direitos só seriam garantidos se houvesse consentimento por parte do senhor e o interesse em concedê-los. Porém, “por mais que os senhores pretendessem controlar a vida de seus escravos, raramente conseguiam. Apesar de todos os limites, os escravos conseguiam formas de conduzir, ainda que de maneira insatisfatória, suas vidas” (AMANTINO, 2012, p.36). E corroborando com Liana Maria Reis (1995, p.18),

Seja por qual motivo fosse, a fuga sinalizava para o cativo a possibilidade de construção de uma nova vida e mesmo a constituição de um núcleo familiar, ainda que juridicamente o fugitivo permanecesse escravo, correndo o risco de ser reconhecido e preso a qualquer momento.



A maior parte dos escravos fugia sozinho, demonstrando que esta era uma decisão solitária. Para Jorge Prata de Sousa, “a família cativa era um mecanismo de que serviam os senhores para manter controlada sua escravaria, ou seja, a existência de uma família impedia, ou pelo menos dificultava a fuga e a rebeldia” (SOUSA, 2012, p.27). Seria mais fácil fugir sozinho, pois carregar a família nas fugas poderia chamar a atenção das pessoas nos lugares onde esse escravo passasse e ainda exigiria um esforço maior na elaboração de um plano de fuga.

Uma forma que os senhores encontraram para a captura dos fujões era a publicação de anúncios nos jornais. Esses anúncios de escravos fugidos ou à venda eram comuns em alguns jornais do século XIX. Os escravos eram descritos de forma pejorativa, com características muitas vezes até animais, no intuito de serem identificados e encontrados com maior facilidade. Eram oferecidas recompensas em dinheiro a quem os encontrasse ou trouxesse informações válidas a respeito de seu paradeiro.

Mesmo em uma época onde não havia as mídias digitais que espalham as notícias rapidamente, era utilizado um recurso riquíssimo em informações como o jornal, onde permitia que se negociasse qualquer coisa que convinha à população. A intenção com o anúncio de escravos fugidos no jornal representava o interesse do proprietário em capturar seu bem evadido e, como incentivo, ofereciam recompensas em dinheiro a quem os encontrasse. Através de uma imagem altamente estereotipada, os escravos figuravam a página de anúncios de compra e venda dos jornais.

2 O LEOPOLDINENSE

O periódico oitocentista *O Leopoldinense* surgiu na cidade de Leopoldina, província de Minas Gerais, no dia 1 de janeiro de 1879 e circulou até o ano de 1896. Sua impressão era semanal, geralmente às segundas-feiras e as notícias chegavam até a tipografia, precedentes de várias localidades circunvizinhas, muitas delas por meio de cartas enviadas por correspondentes. Seu editor era o Alferes Francisco da Costa Sobrinho, um homem das letras e importante figura na elite leopoldinense da



época, que também dirigiu a tipografia denominada “Costa Sobrinho & C.”, situada à antiga Rua do Rosário, 37 (atual Rua Tiradentes). O periódico circulou em um período de efervescência política na freguesia de Leopoldina, assim como em todo o país, onde havia discussões a respeito da libertação dos escravos por toda parte. Era tempo de acirradas disputas políticas e um forte apelo literário, sendo bastante influenciado pelas publicações francesas e pelos jornais da Corte. Seguindo estas tendências, o jornal se posicionou na defesa pela libertação e se colocou diversas vezes a favor da substituição da mão de obra escrava por colonos estrangeiros.

No cabeçalho do jornal *O Leopoldinense* aparecia descrito “*Folha Commercial Agrícola e Noticiosa*” “*Dedicada a causa pública e social*”, sendo esse seu objetivo maior perante seus leitores. Trazia em suas páginas matérias que tratavam de Administração Pública, Agroindústria, Educação, Escravidão, Imigração, Literatura, Poder Judiciário, Política, Religião, Serviços Públicos, Social, Transportes e Variedades, que funcionavam como um almanaque onde se encontrava uma coletânea de informações para entretenimento e enriquecimento cultural de seus leitores. Ao folhear o periódico oitocentista, chama-nos a atenção o significativo número de anúncios de fugas de escravos que ocorriam com frequência na cidade e nas regiões vizinhas. No decorrer dos anos de 1881 a 1888, período de debates intensos sobre a abolição e recorte temporal a ser utilizado na pesquisa, identifica-se nas páginas do jornal *O Leopoldinense*, diversas fugas de escravos que eram descritas na coluna “*Annuncios*” onde se destaca o valor da recompensa oferecida pela captura dos mesmos.

Figura 1 - Anúncio de escravo fugido no jornal *O Leopoldinense*



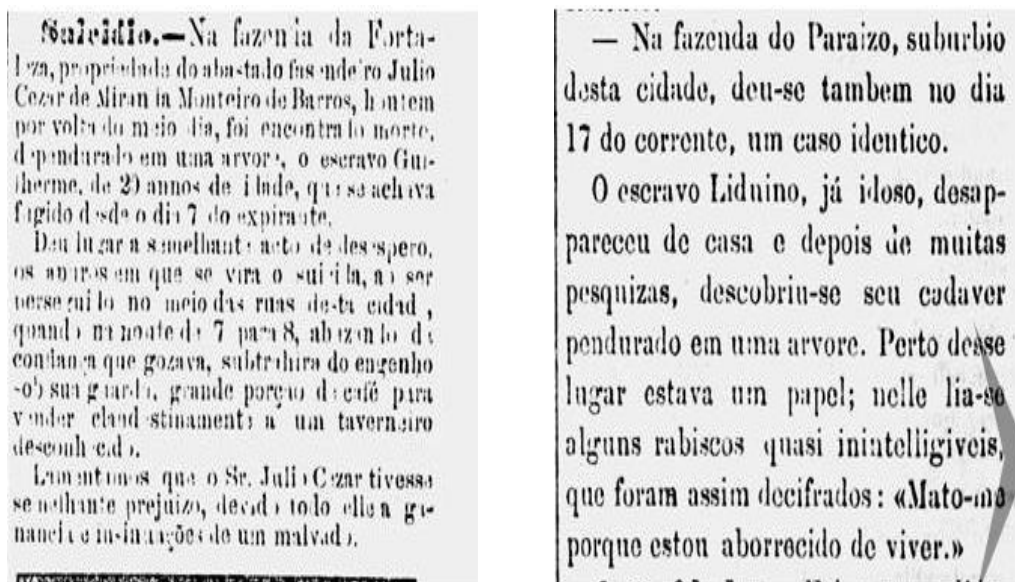


Fonte: O Leopoldinense, 01/09/1881, Ed.64

Esses anúncios constavam, geralmente, na última página e eram escritos com letras menores que o restante do periódico. Os proprietários de escravos pagavam para publicar seu anúncio no intuito de capturá-los mais facilmente, pois os jornais circulavam ao mesmo tempo em várias localidades e, “permitiam que as pessoas em lugares diferentes lessem os mesmos textos” (BURKE, 2003, p.19). Esse importante veículo informativo e histórico, fonte para o desenvolvimento da pesquisa, por meio dos inúmeros anúncios encontrados, permitem traçar parte do cotidiano escravo na freguesia de Leopoldina, bem como em outras localidades. Através das páginas do jornal, podemos vislumbrar um panorama da sociedade no século XIX, sua forma de organização social, costumes e pensamentos, inclusive os das elites letradas responsáveis pela sua publicação.

A figura do escravo aparecia também no noticiário do jornal, seja por crimes e delitos cometidos pelos mesmos ou relatos de suicídio, como vemos abaixo:

Figura 2: Suicídio de escravo.



Fonte: O Leopoldinense, 01/09/1881, Ed.64, p.1



Fato curioso a se observar no primeiro caso é o suicídio de um escravo que se encontrava fugido. Consta neste anúncio que ele teria furtado sacas de café e revendido a um taverneiro na cidade e após perseguição foi encontrado pendurado em uma árvore. No entanto, ao findar o relato, o editor lamenta não a morte deste infeliz, mas o prejuízo que teve o senhor deste escravo. No segundo caso, um escravo idoso, também encontrado enforcado deixou um bilhete com os dizeres “Mato-me porque estou aborrecido de viver”. Encontramos no decorrer das edições, diferentes casos, seja em assassinatos, seja em furtos, ou brigas. Convém observar as razões para possíveis delitos como retrata Caio da Silva Batista (2011, p.2),

[...] a criminalidade escrava não pode ser associada apenas a falta de recursos e a pobreza que os cativos urbanos estavam sujeitados. Embora alguns crimes estejam relacionados às necessidades diárias dos mancipios, outros estavam ligados a outros fatores, como por exemplo, a conflito, ciúmes, vingança e cobiça.

2.1 *Pharol*

O periódico *Pharol* foi fundado no município fluminense de Paraíba do Sul em 1866, chegando a Juiz de Fora em 1871, sob a direção de Thomaz Cameron. Em 1873 passou a ser propriedade de Leopoldo Augusto de Miranda, Com Georges Charles Duphin na chefia da redação. O francês foi o introdutor do vapor como força motriz para máquinas de impressão em Minas Gerais e também foi proprietário do periódico que teve vários donos e orientações políticas até 1939, onde findou suas atividades.

Sua periodicidade era variada sendo a princípio semanário, depois bissemanário, trissemanário e a partir de 1855, diário. Circulou em uma época em que o índice de analfabetismo era alto e o acesso a publicações era difícil. Apenas uma pequena camada da sociedade tinha a oportunidade de ler o jornal, no entanto, as principais notícias eram comentadas por muitas pessoas e chegavam até aos menos favorecidos.

A vida cultural da cidade se desenrolava em plena atividade e era estampada nas primeiras páginas do jornal, revelando o teor moderno e capitalista da cidade,



tendo como principal narrativa a vida de um centro urbano em plena ascensão. Segundo Christina Ferraz Musse (2011, p.2),

[...] a imprensa atuou como um catalisador das transformações sociais, na medida em que foi o espaço por excelência do debate intelectual, capaz de visualizar e antecipar tendências, que se concretizariam mais tarde no dia a dia das populações. Na imprensa do século XIX e do início do século XX, foi desenhada a imagem da Nação idealizada, construída sob um clima de intenso conflito.

Juiz de Fora no século XIX se configurava como um importante entreposto comercial da Zona da Mata mineira, tendo como principal atividade econômica a cafeicultura, que gerou vultosos investimentos no centro urbano. Este crescente investimento demandava mão de obra qualificada para desenvolver as diferentes atividades que surgiram para atender à população livre que crescia de forma acelerada. Muitos escravos tinham profissão, pois, de acordo com Marcia Amantino (2006), “a aprendizagem de uma profissão era algo que poderia interferir na qualidade de vida do cativo [...] Possuir uma ocupação era ter uma posição “privilegiada” dentro do contingente escravista” (AMANTINO, 2006, p.65). E esses escravos urbanos atuavam em ocupações especializadas, tendo certa mobilidade diante dos demais irmãos de cativeiro, aumentando assim sua rede de sociabilidade e, através do ganho por seus serviços, angariar pecúlio para uma possível compra de alforria.

3 CARACTERÍSTICAS DOS FUJÕES

Ao analisar as fugas, percebemos no periódico *O Leopoldinense*, que maioria dos fujões era preto sendo estes tanto africanos como brasileiros. No *Pharol*, predominam os crioulos. A cor dos escravos citada nos anúncios é definida pelo seu proprietário, que por vezes os designava como pretos, crioulos, pardos, mulatos ou fulos. Poucos anúncios trazem a naturalidade desses escravos, sendo assim mais difícil identificar sua origem, salvo pelos anúncios onde se relatava um possível local



onde eles tivessem laços familiares e sendo o provável paradeiro dos mesmos. “Foi criado na Vargem Grande perto de Simão Pereira para onde desconfia-se ter fugido.”²

Maior parte das fugas se davam em áreas rurais, em ambas as freguesias analisadas, evidenciando a predominância da atividade agrícola e o uso de mão de obra escrava acompanhando o surto cafeeiro na região. Apesar de Juiz de Fora ser um crescente centro urbano nesse período, a atividade agrícola estava no seu auge e na zona rural se concentrava maior parte dos escravos da freguesia. De um total de 387 fugas registradas no *Pharol*, 336 são provenientes de áreas rurais na própria freguesia e nos seus arredores. Apenas 18 casos se deram na área urbana, talvez esse pequeno número se explicasse pela mobilidade maior que este escravo possuía ou pelas possibilidades que seus senhores lhes proporcionavam.

Havia a predominância de homens nas fugas, onde no *Pharol* eles totalizaram 93,54% e no *O Leopoldinense* 92,85%. Entre as mulheres, 6,46% e 7,15% respectivamente. Convém lembrar que nas escravarias no Brasil de modo geral, havia um desequilíbrio entre os sexos, sendo a maioria homens que foram afastados de sua família no momento da venda do mesmo. Isso significava, para Sidney Chalhoub (1990), “o rompimento brusco de relações afetivas; o distanciamento forçado de sua terra natal; [...] nadando contra a corrente avassaladora da demanda de braços pelas províncias plantadoras de café do sudeste” (CHALHOUB, 1990, p.57).

Observamos também nos anúncios que muitos fugitivos levavam consigo roupas e apetrechos, elementos que possibilitavam ao escravo misturar-se aos forros e livres nas cidades para onde iriam. Ao fugir, o escravo Adão “levou calça de merinó cetim, já velha e paletó de lã xadrez já usado, levou dois chapéus um de lebre preto e outro de Chile também usados, com copa alta”³, certamente este tipo de roupa era comum na época e estar vestido dessa forma faria com que esse escravo fosse apenas mais um na multidão. Segundo Marcia Amantino (2005), “possibilitava a sua inserção em outros lugares, passando despercebido aos olhos das pessoas livres” (AMANTINO, 2005, p.27).

² *O Leopoldinense*, 01/01/1883, ed.7, p.3.

³ *O Leopoldinense*, 18/05/1881, Ed.34, p.3



Maior parte dos anúncios descreve a vestimenta que os escravos utilizavam antes das fugas ou roupas que levavam em trouxas, armas, facas ou elementos culturais como os cachimbos. Esta era uma estratégia utilizada pelos escravos para passar-se por forro em outras terras, no entanto, poderia facilitar sua identificação e possível captura, tendo em vista o fato de muitas pessoas livres viverem de olho nos jornais em busca das recompensas oferecidas e facilmente os entregariam ao seu senhor caso os avistassem.

“Levou um saco com roupa e vestia calça de riscadinho, camisa de algodão fina, chapéu de lebre preto e paletó de brim. Cabelo cortado bem baixo e a barba. Leva argola no pescoço. Vieram ao rio pardo para serem vendidos.”⁴. A argola no pescoço era utilizada como castigo para os escravos fujões, como uma espécie de alerta caso fugissem novamente. Eram comuns os instrumentos de tortura como argolas, ganchos, pêgas, correntes. O viajante Jean Baptiste Debret (2001, p.70), em viagem ao Rio de Janeiro, citou o “colar de ferro” utilizado pelos fujões,

O colar de ferro é o castigo aplicado ao negro que tem o vício de fugir, assim a patrulha de polícia tem ordem de prender qualquer escravo que o use e seja encontrado de noite zanzando pela cidade, e deve deixá-lo na cadeia até o dia seguinte. Avistado então, o senhor vai buscar seu negro, ou manda que um soldado o conduza até a prisão de correção dos negros, agora no Castelo.

Os anúncios de fugas também descreviam as características físicas dos cativos e as marcas no corpo causadas tanto por doenças como pelos castigos sofridos no cativeiro, deixadas pelos açoites nas costas, nas pernas, pescoço. A repressão era uma constante no sistema escravista e os senhores tinham o respaldo do Estado para tais atos. Os castigos eram muitas vezes bastante severos e utilizavam desses instrumentos de tortura quando a falta cometida pelo escravo era definida como grave. A ausência de castigo era destacada no anúncio, talvez indicando que o escravo não era rebelde, ou que não sofria maus tratos, fator que poderia valorizá-lo no momento da venda.

⁴ *O Leopoldinense*, 13/04/1882, ed.29, p.3.



Defeitos físicos também eram ressaltados pelos proprietários como membros atrofiados, deformações ou amputações. Gilberto Freyre (1979), já apontava as anomalias e doenças como resultadas da carência de vitaminas e da vida degradante que levavam no cativeiro. O escravo Domingos é assim descrito: “bem falante, bons dentes, cheio de corpo, rosto comprido e com a cútis do mesmo grossa, pisa com a perna direita arcada para fora e manqueja um pouco da mesma”⁵. As pernas tortas, mancadas, eram constantes nos anúncios e podem representar excesso de trabalho ou doenças causadas por carência de vitaminas, como o raquitismo.

Muitos são os rastros deixados pelos escravos quando da tentativa de se libertarem e reconstruírem suas vidas, interrompidas pelo intenso comércio de braços utilizados nas plantações de café pelo sudeste e pelo resto do país. Nas páginas do jornal, durante todo o século XIX, esses escravos eram personagens constantes, mesmo que fossem altamente “coisificados”, meros instrumentos de trabalho. Suas estratégias e lutas diárias para manterem-se vivos deixaram vestígios, quando na fuga buscavam um lugar específico, pois ali “desconfia-se que tenha família”. Para Gilberto Freyre (1979, p.57), ao se aproximar a abolição,

Os negros fugidos foram-se sumindo aos poucos, escondendo-se nos cantos das páginas, encolhendo-se em tipo miúdo, perdendo seu artigo de luxo de pormenores, de um realismo como não há igual em nossa literatura, deixando de aparecer com títulos em negrito, às vezes avivados pela figura- quase um borrão- de um negro com a trouxa às costas, fugindo da casa do sinhô. Até que desapareceram de todo. Era a Abolição que se aproximava.

E dessa forma, em 1888, com a Abolição da escravidão no Brasil, o escravo desaparece das páginas do jornal, dando então lugar aos novos trabalhadores que os substituiriam, os imigrantes, sendo assim, “ao processo de eliminação devemos juntar o da substituição. Ao escravo que vai desaparecendo devemos substituir a imigração”⁶.

6.

⁵ *Pharol*, 04/06/1876, Ed.45, p.3.

⁶ *O Leopoldinense*, 07/07/1881, Ed.50, p.01



Considerações finais

Através das informações obtidas a partir dos anúncios de fugas de escravos nos periódicos *Pharol* e *O Leopoldinense*, pudemos perceber que o perfil mais comum nas páginas do jornal era o indivíduo de cor preta ou crioulo. Maior parte desses escravos era jovem e provavelmente solteiro, uma vez que a família impedia em grande parte as fugas. Havia também fugas de mulheres com seus filhos, idosos e pessoas que viviam nas senzalas, onde criavam laços familiares, mostrando que o ato da fuga era proveniente da insatisfação com a situação vivida por eles e a resistência à dominação que seus senhores lhe impunham.

Os anúncios de fugas publicados nos periódicos oitocentistas eram um artifício dos quais os senhores utilizavam para a captura de seus escravos fugidos. Eram oferecidas recompensas a quem os encontrasse ou trouxessem notícias satisfatórias a respeito de seu paradeiro. Ainda que essas fugas nem sempre fossem bem sucedidas, muitos escravos tentavam a sorte na busca por melhores condições de vida.

Percebemos que apesar do domínio que os senhores impunham sobre seus escravos, estes buscavam formas de manter viva sua identidade e seus traços culturais, seja através de seus costumes ou através do casamento, estratégias que ocorriam dentro ou fora do sistema escravista. A maior parte das fugas descritas no jornal mostravam fugas isoladas, o que nos traz a possibilidade de não possuírem famílias ou vínculos que os impedissem de tentar buscar o recomeço em outras terras.

Fontes Documentais

Pharol, 1876-1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br/> Acesso em: 10/12/2018.

O Leopoldinense, 1881-1888. Disponível em: <http://memoria.bn.br> Acesso em: 07/07/2018

Referências

AMANTINO, Marcia. A escravidão em Cataguases e os cativos da família Vieira, in: **Zona da Mata mineira: escravos, família e liberdade**/ Jorge Prata de Sousa e Rômulo Garcia de Andrade (orgs.). Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.



AMANTINO, Marcia. Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do jornal “O Universal” – 1825 a 1832. **Locus revista de história**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, 2006.

BATISTA, Caio da Silva. Crimes de escravos urbanos noticiados pelo jornal O Pharol na cidade do Juiz de Fora entre 1870 a 1888. **Anais do XIX Encontro Regional de História**, Juiz de Fora, 2014.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte** / Sidney Chalhoub. – São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Rio de Janeiro, cidade mestiça: nascimento da imagem de uma nação** / ilustrações e comentários de Jean-Baptiste Debret; textos Luiz Felipe de Alencastro, Serge Gruzinski e Tierno Monénembo; reunidos e apresentados por Patrick Straumann; tradução de Rosa Freire d’Aguiar. - São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto. **A paz das senzalas: famílias escravas e tráfico atlântico, RJ, c.1790-c.1850**. Manolo Florentino e José Roberto Góes, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

FREIRE, Jonis. **Escravidão e família escrava na Zona da Mata Mineira oitocentista**. São Paulo, Alameda, 2014.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARTINS, Maria do Carmo Salazar; LIMA, Maurício Antônio de Castro; SILVA, Helenice Carvalho Cruz da. População de Minas Gerais na segunda metade do século XIX: novas evidências. **X Seminário sobre a economia mineira**. Diamantina, 2002.



MUSSE, Christina Ferraz. A imprensa e a memória do lugar: Juiz de Fora (1870-1940). XII **Congresso de Ciências das Comunicação da região sudeste**, Vitória, 2011.

REIS, Liana Maria. Vivendo a liberdade: fugas e estratégias no cotidiano escravista mineiro. **Cadernos De História**, Belo Horizonte, v.1, nº1, out.1995.

RODRIGUES, José Luiz Machado. **Maripá de Minas e região: “Subsídios históricos e outras lembranças”**/ José Luiz machado Rodrigues – Rio de Janeiro: o autor, 2003.

SILVA, Rodrigo Fialho. O tom e o traço: apontamentos historiográficos sobre a imprensa no Brasil e em Minas Gerais na primeira metade do século XIX, **Escritas**, vol. 7, n. 1, 2015, ISSN 2238 – 7188.

SOUSA, Jorge Prata de; ANDRADE, Rômulo Garcia de. (orgs). **Zona da Mata mineira: escravos, família e liberdade**. Apicuri, Rio de Janeiro, 2012.